

RESENHA DE LIVRO

COELHO, Izete Lehmkuhl. *et al. Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

Iracema Aguiar da Cruz

Iacruz021@gmail.com

As correntes estruturalista e gerativista compreendiam a língua como um sistema homogêneo, estático e uniforme. Contudo, essa visão não era suficiente para solucionar e responder questões relacionadas à mudança linguística, pois, considerando-se que o sistema linguístico é homogêneo e invariável, como explicar o fato de que as línguas mudam?

O modelo sociolinguístico surge em oposição ao postulado *chomskyano* (Chomsky, 1965) e sua noção de falante e ouvinte ideal, propondo que a variabilidade é intrínseca às línguas humanas e está suscetível às pressões sociais. Sendo assim, a língua não pode ser estudada fora de seu contexto social, e o foco da investigação passa a ser o falante real, e não o ideal, inserido dentro da comunidade de fala.

Nesse trabalho introdutório, Coelho *et al.* discorrem sobre os conceitos basilares da Sociolinguística, uma corrente que, apesar de recente, já se expandiu muito por todo o Brasil. O livro aborda as vertentes da Sociolinguística contemporânea, tais como os estudos variacionistas, etnográficos, interacionais e educacionais, focando na vertente laboviana. Configura-se, assim, como um trabalho de fundamental importância nos estudos linguísticos, direcionado principalmente a professores e alunos da área, uma vez que atende às propostas curriculares da maioria dos cursos de Letras do país, tanto os de habilitação em língua materna como os de habilitação em língua estrangeira.

A heterogeneidade da língua, hoje já não considerada um caos, reflete a heterogeneidade social de diferentes épocas, grupos, culturas e está presente nos diferentes segmentos da língua (lexical, fonético, morfológico, sintático, semântico, *etc.*). O livro busca exatamente explicitar os princípios básicos da variação e mudança linguística, bem como os problemas impostos ao linguista e os métodos de pesquisa que revelam essa *heterogeneidade sistemática*.

Em seu primeiro capítulo, a obra trata, além da *heterogeneidade sistemática e ordenada*, de conceitos fundamentais como *variedade*, *variação*, *variável* e *variante*; e das forças internas (*condicionadores linguísticos* e *níveis linguísticos* em que a variação ocorre) e externas (*condicionadores extralinguísticos* e *variação regional, social, estilística etc.*) que atuam sobre a língua. O intuito dos autores nessa parte do trabalho é desmitificar para o leitor quaisquer (pré)conceitos que ainda possam existir a respeito da variação e mudança, uma vez que a língua não é uma estrutura estanque, mas um sistema que possui regras categóricas e outras variáveis. Para isso, eles se utilizam de exemplos de fenômenos variáveis extraídos de pesquisas realizadas acerca do português

falado no Brasil e de alguns do inglês americano, apresentando para o leitor os primeiros estudos realizados por Labov, principal nome dessa corrente que se estabeleceu no fim da década de 60 do século XX.

O segundo capítulo contextualiza a Sociolinguística na linha do tempo de estudos da língua que vai de fins do século XIX até o século XX. A abordagem passa pelos estudos histórico-comparativos e dos neogramáticos, pelo estruturalismo de Saussure e o gerativismo de Chomsky, além de citar os primeiros autores que se interessaram em abordar a língua em sua concepção social, tais como Meillet, Nicolai Marr e Mikhail Bakhtin, até chegar a Weinreich, Labov e Herzog. Coelho *et al.* expõem os propósitos desses autores e orientações teóricas e suas principais contribuições para os estudos linguísticos.

Em continuidade, o capítulo dois expõe os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança e apresenta seus princípios básicos. Por fim, são retratados os *problemas empíricos para uma teoria da mudança (problema da restrição, problema do encaixamento, problema da transição, problema da avaliação e problema da implementação)* propostos por Weinreich, Labov e Herzog. Esses problemas são os instrumentos que guiam e orientam o pesquisador em suas investigações, a fim de buscar respostas que expliquem a *heterogeneidade sistemática*, ou seja, expliquem como a estrutura da língua de uma determinada comunidade de fala muda ao longo do tempo, enquanto ambas, língua e comunidade, permanecem sistematicamente ordenadas.

Depois de uma sintética e profícua explanação dos conceitos básicos da Sociolinguística e dos pressupostos e princípios da Teoria da Variação e Mudança, o capítulo três trata da metodologia centrada nas comunidades de fala. Nele são explicitados os conceitos de *comunidades de fala, comunidades de prática e redes sociais*, uma vez que não se pode compreender os fenômenos variáveis e as mudanças deles decorrentes sem que se leve em consideração o *locus*, ou seja, o local onde eles ocorrem. O interesse do sociolinguista não é, portanto, o indivíduo, mas o grupo social no qual ele está inserido, com o qual convive e interage.

No capítulo três são abordados ainda tópicos como a *seleção dos informantes, coleta de dados, identificação do envelope de variação, levantamento de questões e hipóteses, codificação dos dados e análise estatística*. O tratamento desses itens sintetiza, de maneira didática, os passos para uma pesquisa sociolinguística. Os autores descrevem cada uma dessas etapas da pesquisa e apresentam diversos tipos de coletas de dados (como gravações, testes, entrevistas *etc.*) e diferentes bancos de dados (Nurc, Varsul e Peul, por exemplo) disponíveis.

O quarto e último capítulo é dedicado a incitar no leitor reflexões pertinentes a respeito da relação entre variação/mudança e ensino de língua. Primeiramente é realizada uma sucinta avaliação do que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais, no que diz respeito à variação linguística, para o ensino do português. Posteriormente são explicadas as diferenças entre *norma culta, norma curta e norma padrão*, e elencadas algumas polêmicas que permeiam o português brasileiro desde o século XIX, época em que, ao mesmo tempo que se consolidam suas características atuais, é fixada uma norma padrão baseada na escrita de autores portugueses do Romantismo.

Por último, ainda no quarto capítulo, são apontadas algumas contribuições que a Sociolinguística oferece ao ensino, retomando-se sumariamente alguns pontos importantes discutidos ao longo do livro que possam ter implicações pedagógicas. O objetivo dessa parte do texto é oferecer ao professor-pesquisador reflexões acerca dos pressupostos sociolinguísticos que auxiliem na sua prática, cooperando assim para abrir caminhos que levem a um ensino mais crítico, proveitoso e menos discriminatório. Cabe ressaltar ainda que, ao final de cada capítulo, são sugeridas leituras complementares para que os leitores possam aprofundar os conhecimentos iniciados nesse texto, além de trazer uma série de atividades.

O texto em análise, da maneira como trouxe os principais elementos a serem conhecidos por um sociolinguista ou professor-pesquisador e da forma como foi desenvolvido concatenando teoria e dados reais de fala, é uma obra basilar para quem deseja ter um conhecimento sólido ao se inserir nos estudos sociolinguísticos. Certamente não é uma produção completa para além de uma formação básica, e isso é colocado de forma explícita pelos autores.